

A R T I G O S

A paixão religiosa de Saramago

leitura de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Samarago

*Saramago recusa a religião
mas, como romancista,
não abre mão da arte.
Ora, é importante ressaltar
aqui que em Humano,
demasiado humano,
Nietzsche faz uma
inesperada aproximação
entre religião e arte,
insinuando que,
desse encontro,
resulta a aptidão
para preservar o que ele
chama de intensidades
e elevações de ânimo.
Deus se incluiria nessas
intensidades
e elevações de ânimo
de que fala Nietzsche?*

Waldecy Tenório

*Investigador do IEA
- Instituto de Estudos Avançados
Universidade de São Paulo
(Brasil)*

É humano, demasiado humano, Nietzsche o sabe e o diz com todas as letras. Podemos abrir mão da religião mas não das *intensidades e elevações de ânimo* que ela pode nos transmitir (NIETZSCHE, 1987: 61). Nesse caso, Nietzsche explica o escritor José Saramago? Não é bem isso o que se vai dizer neste pequeno ensaio que, a rigor, talvez não diga nada e apenas cisme, como costumava acontecer a essa outra grande figura das letras portuguesas que se chama Sophia de Mello Breyner Andersen: *Eu não penso, cismo*. Mas então... cismando um pouco: o que há entre Saramago e Deus?

Se o ensaio tem de começar de alguma maneira, tanto faz se começar por uma obviedade: Saramago é ateu. Até aí, nada de mais, e ainda bem que é assim porque o Deus que ele nos apresenta ao ler a Bíblia – cruel, ambicioso, cínico – merece mesmo o nosso desprezo e um solene *Vade retro* com água benta e tudo.

No entanto, sendo assim, por que falar tanto dele, se o próprio Nietzsche, em outro lugar, numa passagem de *A Gaia Ciência*, já anunciou a sua morte? São favas contadas, pois não? Portanto, bem que Saramago poderia deixá-lo em paz, esquecer essa velha imagem desbotada da qual nos rimos todos nós, tão modernos! E todavia, não é assim que se passam as coisas, pois Saramago insiste nesse tema recorrente e não apenas em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, que é o objeto deste ensaio, mas no conjunto de toda a sua obra.

Ao longo da leitura do romance, observamos que

WALDECY TENÓRIO

Saramago recusa a religião mas, ao mesmo tempo, manifesta uma verdadeira obsessão por Deus. Se, no *Evangelho* Deus é o seu anti-herói, não é somente ali que o tema está presente. É só fazer uma rápida incursão à obra desse autor. Em *História do Cerco de Lisboa*, em *Levantado do Chão*, no *Memorial do Convento*, em *Todos os Nomes*, na peça *In Nomine Dei*, no *Ensaio Sobre a Cegueira*, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, por uma alusão ou uma ironia, uma forma qualquer de escárnio ou mal-dizer, Deus lá está, quase sempre numa situação ridícula, como o famoso personagem de Ítalo Calvino (CALVINO, 1994). Assim também ele aparece em inúmeras entrevistas nas quais o tema obsessivo é sempre retomado. Mas então...

Podemos levantar uma suspeita, é para isso mesmo que o ensaio se escreve. Saramago recusa a religião mas, como romancista, não abre mão da arte. Ora, é importante ressaltar aqui que em *Humano, demasiado humano*, Nietzsche faz uma inesperada aproximação entre religião e arte, insinuando que, desse encontro, resulta a aptidão para preservar o que ele chama de *intensidades e elevações de ânimo*.

Deus se incluiria nessas “intensidades e elevações de ânimo” de que fala Nietzsche? Que Nietzsche não nos ouça, muito menos seus intérpretes autorizados, mas a suspeita vai nessa direção. Ainda mais se nos lembrarmos de que, segundo Roger Caillois, o sagrado é uma categoria da sensibilidade (CAILLOIS, 1936: 18) Pois então, no ponto de intersecção entre a religião e a arte, Saramago afina a sensibilidade e encontra Deus? Evitemos, pelo menos por enquanto, essas afirmações demasiado categóricas, das quais, num momento de aperto, não possamos escapar. Lembremos apenas que, em literatura, é fundamental a suspensão voluntária da descrença, fazendo aqui um aceno a Coleridge. Mas então...

Saramago encontra Deus, pelo menos como tema, já vimos isso. Agora, quanto ao tom com o qual se refere a Ele, aí é outra história porque o tom é dado pelo Diabo. Assim: naquela *manhã de nevoeiro*, quando finalmente Deus conclui o longo relato do que acontecerá no futuro, depois da morte de Jesus – tantos crimes, tantos sacrifícios, tantas dores – o Diabo não se contém: *É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue* (SARAMAGO, 1998: 391). Duras palavras. Esse Deus, no entanto, merece.

Seu relato é muito pior do que a lista de Schindler porque ninguém escapa, e Ele se compraz. Guerras, matanças, perseguições, fogueiras: cenário sombrio onde vai se desenrolar “uma história interminável de ferro e de sangue, de fogo e de cinzas, um mar infinito de sofrimentos e lágrimas” (IDEM: 381). E Ele se compraz. Ficamos com saudade de Jack, o Estripador. Mas então...

Não tem essa, Maria de Magdala confirma a primeira impressão: *Esse Deus é medonho* (IDEM; 309). De fato, para Ele, os fins justificam os meios. Se é o poder que Ele quer, se é isso que lhe interessa, não hesita diante dos piores crimes: sacrifica o próprio filho, assassina inocentes, manipula as pessoas, deixando-lhes como herança *a fome eterna do lobo da culpa* (IDEM: 214). Eis o que vê Saramago e, em conseqüência, *os homens enlouquecendo debaixo de um céu vazio* (IDEM: 112). *E depois* – desabafa o narrador, tomando a nossa defesa – *admiram-se que um homem desespere e grite* (IDEM: 133). Haverá ainda quem diga “âmen” a tudo isso?

Não é por acaso que no *Evangelho* de Saramago encontramos tantos gritos. O primeiro, quando o romance ainda não atingiu toda a sua densidade, *não poderemos ouvir, pois nenhuma destas coisas é real* (IDEM: 13). O último grito, porém, quando já se estabeleceu a realidade romanesca, esse nós ouvimos – e ele nos deixa atônitos:

«Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque Ele não sabe o que fez» (IDEM: 444).

Ao chegar a esse ponto, começa a ganhar força a suspeita que já se insinuou entre nós. Mais ainda quando se lê o que diz Saramago em uma de suas muitas entrevistas: *Não é o homem Jesus que eu questiono, eu questiono Deus* Já o sabemos. Esse Deus que, além de todos os crimes, é um *burocrata incompetente*, incapaz de por ordem no escritório, como está em *Todos os Nomes*. Já em relação a Jesus, a atitude de Saramago é diferente:

«Este rapaz que vai a caminho de Jerusalém, quando a maioria dos da sua idade ainda não arriscam um pé fora da porta, talvez não seja uma águia de perspicácia, um portento de inteligência, mas é merecedor do nosso respeito, tem, como ele próprio declarou, uma ferida na alma e, não lhe consentindo a sua natureza esperar que lha sarasse o simples hábito de viver com ela, até chegar a fechá-la essa cicatriz benévola que é não pensar, foi à procura do mundo, quem sabe para multiplicar as feridas e fazer, com todas elas juntas, uma única e definitiva dor» (IDEM: 200).

A propósito dessa posição de Saramago, temos aqui uma coincidência notável:

«Deus olhou Jesus com uma expressão que, em pessoa, diríamos ter sido de um súbito respeito, todo o seu modo e ser se humanizou...» (IDEM: 378).

Jesus merece respeito, o homem merece respeito: Saramago vai aos poucos se revelando. E o que ele valoriza em Jesus é justamente isso, o homem e sua dor, o homem e sua revolta: *Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens?* (IDEM: 144). Mas esse dia não chega, esse Deus não tem remorso e *hoje, passados tantos séculos, com tanta dor acumulada, Deus ainda não se dá por satisfeito e a agonia continua* (IDEM: 82). Mais do que questionar Deus, Saramago, com razão, o rejeita.

No entanto, como explicar essa mudança sutil que se vai operando no espírito do romancista a ponto de ele recusar o pai mas aceitar o filho? Por enquanto, vamos seguir a sugestão de Saramago: *ir deixando discorrer o pensamento ao sabor dos seus próprios aca-sos e inclinações, mas vigiando-o com uma atenção que convém parecer distraída, como se estivesse a pensar noutra coisa, e de repente salta-se em cima do desprevenido achado como um tigre sobre a presa* (IDEM: 91). T.S. Eliot chamaria isso de “uma rápida incursão ao inarticulado, com equipamento imprestável, na desordem geral da imprecisão dos sentimentos.” (ELIOT, 1981: 213).

Com perdão de Descartes, a quem sempre devemos reverência, esse é um método tão bom quanto qualquer outro, principalmente quando o achado cai logo no laço, como acontece no trecho a seguir: *No fundo, talvez o caso de Jesus, à primeira vista, seja apenas uma questão de sensibilidade, por assim dizer, em carne viva* (SARAMAGO, 1998: 243).

Nem seria necessário dizer que sensibilidade é, no caso, uma palavra-chave. Mas já que se disse, não custa esclarecer um pouco mais a idéia recorrendo-se, ainda que indiretamente, por empréstimo, a Walter Benjamin:

WALDECY TENÓRIO

«Refletindo sobre a “organização imanente” de uma obra literária, Walter Benjamim precisa que esta não pode ser compreendida se não se ultrapassar a simples funcionalidade. Assim, diz ele, ao observar uma fogueira acesa podemos ater-nos à lenha que arde, e à cinza resultante, mas numa perspectiva mais profunda, a do alquimista, acrescenta ele, é a própria chama que permanece um enigma» (MAFFESOLI, 1998: 59).

É graças a tudo isso – as intensidades e elevações de ânimo, a perspectiva mais profunda do alquimista, a sensibilidade do autor estudado – que, assim como numa famosa madrugada, *José olhava-se a si mesmo como se fosse acompanhando, à distância, a lenta ocupação do seu corpo por uma alma* (SARAMAGO, 1998: 22), assim também o leitor vai percebendo a lenta ocupação do romance por essa chama que será sempre um enigma – a figura decisiva de Jesus:

«este homem, nu, cravado de pés e mãos numa cruz, filho de José e de Maria, Jesus de seu nome, é o único a quem o futuro concederá a honra da maiúscula inicial» (IDEM: 18).

Estamos entendidos: se Saramago rejeita Deus é para exaltar, na figura de Jesus, a figura do homem, razão pela qual seu *Evangelho* pretende narrar a *única história possível* (IDEM: 20). E fica claro que, para Saramago, a única história possível é a história do homem, de sua dor e de sua revolta. *Não me toques* – diz Jesus a Madalena – *a minha alma tem uma ferida* (IDEM: 188), e sabemos também que Ele tem nos olhos *uma marca de tristeza, um contínuo, húmido e desolado brilho, como se, em cada momento, tivesse acabado de chorar* (IDEM: 223). Tem ainda *esta infinita cansaça* (IDEM: 175) e uma revolta: *este cordeiro não morrerá* (IDEM: 250). E Saramago o admira, como os irmãos menores admiram o irmão mais velho que, para defendê-los, enfrenta a ira de um desnaturado pai. E, como se lê no romance, chega uma hora em que Jesus desafiará o próprio Deus.

Esse desafio, porém, não nasce assim de uma hora para outra, mas é fruto das sucessivas viagens nas quais vai se elevando o seu nível de consciência. José já o havia previsto. *Muitos foram os filhos de Israel que nasceram no caminho, o meu será mais um* (IDEM: 48). Acertou em cheio: *Passados dois dias, Jesus foi-se embora de casa* (IDEM: 191). Foi refazer suas estradas, suas encruzilhadas, preparar o cadastro de seus campos perdidos (BACHELARD, s/d: 26).

Idas e vindas, partidas e regressos, movimentos e momentos que – como diz o narrador, com muito acerto – não se devem perder. *Certos momentos há na vida* (acrescentemos: nas viagens) *que deviam ficar fixados, protegidos do tempo, não apenas consignados, por exemplo, neste Evangelho, ou em pintura, ou modernamente em foto, cine e vídeo* (IDEM: 203). Deviam ficar fixados, para sempre, em nossas consciências. Como esse:

«A mão de Jesus levantou-se. Nenhum dos presentes estranhou que um rapaz desta idade se apresentasse a interrogar um escriba ou um doutor do Templo, adolescentes com dúvidas sempre os houve, desde Caim e Abel, em geral fazem perguntas que os adultos recebem com um sorriso de condescendência e uma palmadinha nas costas, Cresce, cresce, e vais ver como isso não tem importância... Uns tantos presentes afastaram-se, outros preparavam-se já para o fazer também, perante a mal encoberta contrariedade do escriba que via escapar-se-lhe um público até aí atento, mas a pergunta de Jesus fez voltar atrás alguns que ainda a ouviram, O que quero saber é sobre a culpa» (IDEM: 211).

De fato, a grande questão do cristianismo, o seu ponto fulcral, é o *amai-vos uns aos outros*. Mas se fizemos dele *uma equação de amor e tortura* (KERMODE, 1993: 142), a interpelação de Jesus ao escriba vai num sentido contrário a isso: somos assim tão culpados diante de Deus?

E o que Jesus sente, e o que Jesus pensa, vai se esclarecendo nos diversos momentos de sua aventura existencial, como nesse encontro com uma jovem mãe diante do túmulo das crianças assassinadas por Herodes:

«Este túmulo, de quem é, A mulher apertou a criança contra o peito, como se a quisesse proteger de alguma ameaça, e respondeu, São vinte e cinco meninos que foram mortos há muitos anos, Quantos, Vinte e cinco, já te disse, Falo dos anos, Ah! Vai para catorze... Devem ser, calculo, mais ou menos os que tu tens... Quando ficou sozinho, Jesus ajoelhou-se no chão, ao lado da pedra que fechava a entrada do túmulo, tirou do alforje um resto de pão que lhe ficara, já endurecido, esfarelou um bocado nas palmas das mãos e espalhou-o ao longo da porta, como uma oferenda às invisíveis bocas dos inocentes» (SARAMAGO, 1998: 216).

Depois de interpelar o escriba sobre a culpa, Jesus, como sempre, toma o partido dos inocentes. Encontramo-lo agora num diálogo com a parteira que o trouxe à luz:

«Vim para conhecer este lugar onde nasci, e também para saber dos meninos que foram mortos. Só Deus saberá por que morreram, o anjo da morte, tomando a figura de uns soldados de Herodes, desceu em Belém e condenou-os, Crês então que foi vontade de Deus, Não sou mais do que uma escrava velha, mas, desde que nasci, ouço dizer que tudo quanto tem acontecido no mundo, mesmo o sofrimento e a morte, só pôde acontecer porque Deus, antes, o quis, Assim é que está escrito, Compreendo que Deus queira, um destes dias, a minha morte, mas não a de crianças inocentes, A tua morte decidi-la-á Deus, a seu tempo, a morte dos meninos decidiu-a a vontade de um homem, Pode bem pouco, afinal, a mão de Deus se não chega para interpor-se entre o cutelo e o sentenciado, Não ofendas ao Senhor, mulher, Quem, como eu, não sabe, não pode ofender... Jesus calou-se, Mal tinha ouvido as palavras de Zelomi porque o pensamento, como uma súbita fresta, abriu-se para a ofuscante evidência de ser o homem um simples joguete nas mãos de Deus»... (IDEM: 220).

Dialógo dramático, em que o problema do mal aparece em toda a sua crueza. Deus consente no mal ou é incapaz de destruí-lo? De qualquer modo, Jesus o defende, quando diz que a morte dos meninos foi decretada por Herodes. Mas a simples possibilidade, sugerida pela parteira, de que os homens sejam joguetes nas mãos de Deus, o deixa perturbado.

«Deixa-me só – ordena – entre essas escuras paredes, quero, neste grande silêncio, escutar o meu primeiro grito» (IDEM: 222).

A identificação de Jesus com os homens vai ficando cada vez mais clara nos diversos episódios que o romance recolhe de sua vida. Acabamos de vê-lo num momento de tristeza, atingido pela mesma dor que atinge os homens. Vejamo-lo agora no cotidiano simples dos seus contemporâneos, um momento alegre, jovial, junto aos pescadores:

WALDECY TENÓRIO

«No meio das águas, Jesus, sem experiência do ofício, ele próprio rindo de sua falta de habilidade, atreveu-se, incitado pelos seus novos amigos, a lançar a rede, naquele largo gesto que, olhado de longe, se parece com uma benção ou um desafio, sem outro resultado que quase ter caído à água de uma das vezes em que o tentou. Simão e André riram muito, já sabiam que Jesus só percebia de cabras e ovelhas e, um pouco depois, o espanto. Quando os dois resolvem voltar à terra, sem nada terem pescado, Jesus ordena: Lancem as redes e, surpresa, elas voltam cheia de peixes» (IDEM: 273).

Agora é o amor, um dos momentos mais bonitos do romance, o encontro com Maria de Magdala:

«Com tantos movimentos e observações, acabou Maria de Magdala de fazer o penso ao dorido pé de Jesus, rematando-o com uma sólida e pertinente atadura, Aí tens, disse ela, Como te devo agradecer, perguntou Jesus, e pela primeira vez os seus olhos tocaram os olhos dela, negros, brilhantes como carvões de pedra, mas onde perpassava, como uma água que sobre água corresse, uma espécie de voluptuosa velatura que atingiu em cheio o corpo secreto de Jesus, A mulher não respondeu logo, olhava-o, por sua vez, como se o avaliasse, a pessoa que era, que de dinheiro bem se via que não era provido o pobre moço, e por fim disse, Guarda-me na tua lembrança, nada mais, e Jesus, Não esquecerei a tua bondade, e depois, enchendo-se de ânimo, Nem te esquecerei a ti, Porquê, sorriu a mulher, Porque és bela, Não me conhecestes no tempo de minha beleza, Conheço-te na beleza desta hora.» (IDEM: 280.)

E assim a figura humana demasiado humana de Jesus vai crescendo aos nossos olhos, ao contrario da figura de Deus, cuja crueldade se supera no diálogo final com Pastor (o Diabo):

«O nevoeiro voltou a avançar, alguma coisa estava para acontecer ainda, outra revelação, outra dor, outro remorso. Mas foi Pastor quem falou. Tenho uma proposta a fazer-te, disse, dirigindo-se a Deus, e deus, surpreendido, Uma proposta, tu, e que proposta vem a ser essa, o tom era irônico superior, capaz de reduzir ao silêncio qualquer que não fosse o Diabo, conhecido e familiar de longa data. Pastor fez um silêncio, como se procurasse as melhores palavras, e explicou» (IDEM: 391).

Mas qual é, afinal, a proposta do Diabo a Deus?

«que tornes a receber-me no teu céu, perdoado dos males passados pelos que no futuro não terei de cometer, que aceites e guardes a minha obediência, como nos tempos felizes em que fui um dos teus anjos predilectos, Lúcifer me chamavas, o que a luz levava» (IDEM: 392).

Com muita arrogância, Deus pergunta por que razão deveria perdoar ao Diabo?

«Porque se o fizeres, se usares comigo, agora, daquele mesmo perdão que no futuro prometerás tão facilmente à esquerda e à direita, então acaba-se aqui hoje o Mal, teu filho não precisará morrer, o teu reino será, não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro, conhecido e por conhecer, e mais do que o mundo, o universo, por toda a parte o Bem governará, e eu cantarei, na última e humilde fila dos anjos que te permaneceram fiéis, mais fiel então do

que todos, porque arrependido, eu cantarei os teus louvores, tudo terminará como se não tivesse sido, tudo começará a ser como se dessa maneira devesse ser sempre» (IDEM: 392).

Depois que o Diabo apresenta sua proposta a Deus, há um silêncio tenso, uma expectativa. Pois bem, qual a resposta?

«Não te aceito, não te perdôo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora» (IDEM: 392).

Mas então...

Vai ficando absolutamente clara a razão pela qual Saramago, ao longo do romance, recusa obstinadamente essa imagem de Deus. Assim como também vai ficando absolutamente clara a sua identificação com Jesus. Tanto assim que o narrador do romance nem precisaria declarar – mas declara – que Jesus é o *evidente herói deste evangelho, que nunca teve o propósito desconsiderado de contrariar outros e portanto não ousará dizer que não aconteceu o que aconteceu, pondo num lugar de um Sim um Não* (IDEM: 239).

Um teólogo poderia nos lembrar que essa posição de Saramago – a recusa de Deus e, ao mesmo tempo, a aceitação de Jesus – corresponde ao pensamento da teologia radical dos anos 60, que postulava o ateísmo cristão (BENT, 1968: 116). Para esses teólogos, principalmente para William Hamilton, uma vez que o homem não pode ficar passivamente sentado, contemplando a sua perda, deve procurar meios de ajudar os seus semelhantes. Deve encaminhar suas energias de modo construtivo e deve por-se continuamente à disposição do seu próximo. Desse modo, a morte de Deus significa, para o homem moderno, a intimação de seguir Cristo cada vez mais de perto, como exemplo e paradigma do comportamento humano (BENT, 1968: 116).

Ora, Saramago recusa Deus em defesa dos homens, e, para isso, põe-se ao lado de Jesus. E há no romance uma passagem na qual Jesus também, de certo modo, recusa Deus em favor dos mesmos homens. É num momento em que Ele e os discípulos estão discutindo o que aconteceu e ainda vai acontecer na história e Jesus, como sempre, toma o partido dos homens: *Não podes ir contra a vontade de Deus* – diz-lhe Pedro. *Não* – responde Jesus – *mas o meu dever é tentar*. (SARAMAGO, 1998: 436.)

Nesse mesmo diálogo, mais adiante, está o ponto que merece uma atenção especial. Estão falando sobre a morte. Jesus diz: *Lázaro, que eu curei, morreu, João Baptista, que me anunciou, morreu, a morte já está entre nós*. Pedro responde: *Todos os seres têm de morrer*. Jesus continua: *Morrerão muitos no futuro por vontade de Deus e causa sua*. Pedro, outra vez: *Se é vontade de Deus, é causa santa*. Jesus: *Morrerão porque não nasceram antes nem depois*. Mateus intervém, ao lado de Pedro: *Serão recebidos na vida eterna*. Jesus então provoca: *Sim, mas não deveria ser tão dolorosa a condição para lá entrar*. Pedro, escandalizado: *Se o filho de Deus disse o que disse, a si próprio se negou*. E então vem a resposta de Jesus, que é necessário sublinhar: *Enganas-te, só ao filho de Deus é permitido falar assim, o que na tua boca seria blasfêmia, na minha é a outra palavra de Deus*. (IDEM: 435/6).

Mas então...

Serão as “intensidades ou elevações de ânimo”, a perspectiva profunda do alquimista, a sensibilidade do autor? O fato é que o próprio romance aponta para uma outra palavra/imagem de Deus completamente diferente daquela que vinha se desenhando perante os olhos do leitor. Pior para este, que não prestou atenção a essa pala-

WALDECY TENÓRIO

vra que o anjo diz a Maria: *...o sistema do Senhor, digo-te eu que sou de casa, é Ele ser sempre o contrário de como os homens o imaginam* (IDEM: 312).

Já ouvimos falar naquela personagem redonda que, diferente da personagem quadrada, sempre surpreende o leitor (FORSTER, 1969: 53). É Deus. Trapaça é com Ele mesmo, sobretudo no texto. Mas onde está a outra palavra/imagem de Deus? Num primeiro momento da leitura do romance, vimos uma palavra/imagem: um Deus cruel, sanguinário, vingativo: *Não te perdôo, quero-te como és e, se possível, ainda pior*. De onde vem essa palavra/imagem? Da leitura que Saramago faz da Bíblia. Mas então...

Em literatura não existe uma única leitura possível e, como o próprio romance ensina, é necessário distinguir o que é para ser compreendido duma maneira e o que é para ser compreendido doutra (SARAMAGO, 1998: 60). De qualquer modo, insistindo na pergunta, onde está a outra palavra/imagem de Deus?

Aqui um biblista seria de muita valia para nos introduzir na literatura profética. Ele certamente nos faria ler o capítulo 58 de Isaías, justamente famoso:

«Por acaso é este o jejum que escolhi, um dia em que o homem mortifique a sua alma? Por acaso, a esse inclinar de cabeça como um junco, a esse fazer a cama sobre pano de saco e cinza, acaso é a isso que chamas jejum e dia agradável a Javé? Fica então sabendo: O jejum que prefiro consiste em romper os grilhões da iniquidade, em soltar as ataduras do jugo e por em liberdade os oprimidos. Consiste em repartires o teu pão com o faminto, em recolheres os pobres desabrigados, em vestires aquele que está nu. Se fizeres isto, a tua luz romperá com a aurora. Então chamarás e Javé responderá, chamarás por socorro e Ele dirá: Eis-me aqui.»

Podemos multiplicar os exemplos. Mais uma passagem de Isaías, do Capítulo 1: *As vossas mãos estão cheias de sangue, lavai-vos, purificai-vos. Tirai da minha vista as vossas más ações. Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem. Buscai o direito, corrigi o opressor, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva*. Agora é Amós, no Capítulo 8, clamando contra a violência: *Ouvi isto, vós que esmagais o indigente e quereis eliminar os pobres da terra*. Já Miquéias, no Capítulo 3, mostra a ira de Deus contra *aqueles que comeram a carne do meu povo, arrancaram-lhe a pele, quebraram-lhe os ossos*. Mas então...

O biblista, que tanta falta nos faz aqui, poderia nos lembrar que os profetas bíblicos são testemunhas de defesa dos homens e, através deles, a voz de Deus se levanta contra a injustiça, o que levou Horkheimer a pronunciar uma frase surpreendente: *A teologia, para mim, é a esperança de que a injustiça que caracteriza o mundo não seja a última palavra* (HORKHEIMER, 1976: 18).

A imagem de Deus vai assim mudando, Ele vai se tornando mais justo. Mas há ainda um problema: não gostamos de um Deus tipo “bateu levou”, ou “olho por olho, dente por dente”, no qual encontramos, congelada, a imagem antropomórfica correspondente ao estágio cultural das primitivas tribos de Israel e que, de alguma maneira, se fixou no imaginário do Ocidente. Deus nos livre dos deuses que projetamos na história das culturas...

E esse, convenhamos, é terrível, mais do que o Anjo de Rilke. Colérico, implacável vingativo, quem ousaria pronunciar seu nome? O Senhor dos Exércitos falava a linguagem do relâmpago e do trovão. Gostava de aparecer numa nuvem de fogo, isso nos momentos de bom humor, quando se divertia jogando praga e mais praga sobre o faraó apavorado. Não levava desaforo para o céu. Sodoma, não quis nem saber, fulminou.

Transformou a mulher de Lot numa estátua de sal. Derrubou São Paulo do cavalo. O velho Javé, o último durão.

Felizmente, se não gostamos dessa palavra/imagem, não faz mal, ela não é a única, o romance já nos mostrou outra bem diferente. E lendo a Bíblia por uma ótica diversa da que Saramago inicialmente usa, constatamos que, após o dilúvio, Ele se arrepende, torna-se melancólico, triste. Drummond capta esse momento em "Tristeza no céu", do livro *José*:

«No céu também há uma hora melancólica.
Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas.
Por que fiz o mundo? Deus se pergunta
E se responde: Não sei.

Os anjos olham-no com reprovação,
E plumas caem.

Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor
caem, são plumas,
Outra pluma, o céu se desfaz.
Tão manso, nenhum fragor denuncia
o momento entre tudo e nada,
ou seja, a tristeza de Deus»

A partir desse momento, sua linguagem suaviza-se. Num fragmento do *Gênesis*, Ele já não fala como um trovão mas como um poeta. Eis o que Ele diz a Noé: *Quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco-íris aparecer no céu, eu me lembrarei da aliança que há entre mim e todos os seres vivos.*

Na linguagem metafórica do profeta Oséias, chega a ser comovente quando, no Capítulo 11, Deus expressa o seu carinho pelos homens e se queixa do seu abandono:

«Quando Israel era menino, eu o amei e do Egito chamei meu filho. Mas quanto mais os chamava, tanto mais eles se afastavam de mim... Fui eu, contudo, quem ensinou Efraim a caminhar, eu os tomei pelos braços, mas não reconheceram que eu cuidava deles. Com vínculos humanos eu os atraía, com laços de amor eu era para eles como os que levantam criancinhas contra o seu rosto, eu me inclinava para ele e o alimentava.»

Depois disso, um teólogo como Carlo Rocchetta poderia nos falar sobre a teologia da ternura e Leonardo Boff ir além e nos explicar a idéia de Deus no feminino, ou seja, Deus como mulher e mãe. Com isso se completaria a mudança na palavra-imagem de Deus e, dos braços másculos que Da Vinci emprestou a Ele no afresco da Capela Sixtina, cairíamos nos braços delicados de um Deus mulher, mãe, uma deusa, ai meu Deus!

Chegados a esse ponto, convém refazer o caminho que percorremos até agora para avaliarmos a mudança que se operou na palavra/imagem de Deus, ao longo da leitura do romance de Saramago. Começamos por perceber, logo no início, a rejeição de Deus. A seguir, constatamos a simpatia do romance pela figura de Cristo. Este, no entanto, se identifica com o Pai, Deus, como vimos no debate que Ele trava com os discípulos. E a questão que se coloca aqui é a seguinte: dentro da tradição em que o romance se

WALDECY TENÓRIO

situa, Saramago pode fazer a distinção entre pai e filho ou, uma vez que aceita o filho, aceita automaticamente o pai?

Já que o teólogo não está aqui para nos esclarecer, podemos apelar para Anselmo de Cantuária. Ele ensina que pai e filho são distintos *e, todavia, são tão idênticos pela substância que sempre a essência do filho está no pai, e a essência do pai está no filho, e nunca ela é diferente, porque a essência de ambos não é diferente, mas a mesma, não múltipla mas única* (ANSELMO DE CANTUÁRIA, 1973: 68). O fato é que, a partir de um determinado momento, observa-se uma mudança significativa na ótica do romance: a descoberta de que não há uma só palavra/imagem de Deus e *Deus é sempre o contrário do que os homens imaginam* (IDEM: 312).

Mas então...

Seria a reconciliação entre Saramago e Deus? Perguntando de outra maneira: ao aceitar o filho, Saramago implicitamente aceitou o pai? Qualquer ensaio que se pretenda fiel à sua vocação, deve chamar o leitor para o debate e o leitor que se preza sabe que não pode fugir a essa responsabilidade. Afinal, o *lector in fabula* (ECO : 1993) entra no texto com a dignidade de um co-autor. Deve dar sua opinião, examinar as alegações, discutir, ponderar. Para animá-lo a superar a timidez, eis uma citação da Patrística, de um dos grandes pensadores da segunda metade do século II:

«pela comunhão que temos com Ele, o Senhor (Jesus Cristo) reconciliou o homem com o Deus-Pai» (IRINEU DE LIÃO, 1995: 556).

As coisas vão ficando mais claras. A reconciliação vai aparecendo como fruto da coincidência entre o humanismo saramaguiano e o humanismo bíblico (teológico), que não podemos desconsiderar, se os olharmos sem a camisa de força dos dogmatismos políticos, doutrinários e epistemológicos, com suas certezas e seus anátemas recíprocos. Mas então...

Kierkegaard compara Deus a um esgrimista hábil: *o adversário sente o golpe, é tocado, mas sempre num ponto muito diferente do que esperava* (KIERKEGAARD, 1979: 14). E onde Saramago foi tocado, podemos saber? No seu humanismo. Como escritor, ele também é uma testemunha de defesa da dignidade humana e, como tal, não pode aceitar um Deus *Padre padrone*, se for permitido usar o título do inesquecível filme de Paolo e Vittorio Taviani. E nesse ponto o *Evangelho* de Saramago se apresenta como uma grande reflexão teológica.

E sua posição, que num primeiro momento, coincide com a dos teólogos da morte de Deus, num segundo momento vai além, revela uma ligação muito mais profunda, cujas raízes se alimentam de uma tradição que vem do pensamento bíblico, passa pela Patrística e chega à teologia antropológica de um Karl Rahner ou, mais recentemente, à teologia humanizadora de um Andrés Torres Queiruga, ou de um Jon Sobrino, enfim, a essa Nouvelle Théologie, que aproxima transcendência e história e, para a qual, se Deus é o mistério do homem, o homem é o mistério de Deus. Coincidências. *Muito se tem falado das coincidências de que a vida é feita, tecida e composta, mas quase nada dos encontros que, dia por dia, vão acontecendo nela...* (SARAMAGO: 1998: 221).

Por essa razão, estamos perto de confirmar nossa suspeita e fazer uma revelação que o leitor já advinha, porque se dissimula no texto como um gato escondido com o rabo de fora. Cismando um pouco, entre Saramago e Deus há um sentimento que podemos chamar de nostálgico. Uma carência, um desamparo, um procurando o outro e, por

fim, o inesperado encontro. Saramago pode até dizer que não está habituado *a tão alto parentesco* (IDEM, 355). Pouco importa, a partir das “intensidades e elevações de ânimo”, da visão mais profunda do alquimista e de sua sensibilidade literária, ele sabe que esse Deus humano demasiado humano *se fez carne e habitou entre nós*.

Assim, retomando a citação de Horkheimer, ao longo do romance, Saramago encontra a fogueira, a cinza e a chama: Deus. Não é por outra razão que o narrador nos promete: *vais ver que uma manhã dessas acordamos e descobrimos que não há mal no mundo* (IDEM: 313).

Mas então...

Cismando pela última vez: o ateísmo de Saramago, como o de Shelley (PAZ, 1984: 67) é uma paixão religiosa? Só posso dizer que a última promessa do narrador é teologia pura, a mais pura teologia da esperança, graças a Deus. E a Saramago, nada?

Bibliografia

- ANSELMO DE CANTUÁRIA, *Monólogo*, in Col. Pensadores, São Paulo: Ed. Abril, 1973.
 BACHELARD, G., *A poética do espaço*, Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, s/d.
 BENT, C., *O movimento da morte de Deus*, Lisboa/Rio de Janeiro: Moraes Editores, 1968.
 CAILLOIS, R., *L'homme et le sacré*, Paris: Galimard, 1936.
 CALVINO, I., *Palomar*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
 ECO, U., *Leitura do texto literário "Lector in fabula"*, Lisboa: Editorial Presença, 1993.
 ELIOT, T. S., *Poesia*, São Paulo: Nova Fronteira, 1981.
 FORSTER, E. M., *Aspectos do romance*, Porto Alegre: Globo, 1969.
 HORKHEIMER, M., *A la búsqueda del sentido*, Salamanca: Sigueme, 1976.
 IRINEU DE LIÃO, *Obras*, São Paulo: Paulus, 1995.
 KERMODE, F., *Um apetite pela poesia*, São Paulo: Edusp, 1993.
 KIERKEGAARD, S., *Os Pensadores*, São Paulo: Ed. Abril, 1979.
 MAFFESOLI, M., *Elogio da razão sensível*, Petrópolis: Vozes, 1998.
 NIETZSCHE, F., *Os Pensadores*, vol. I, São Paulo: Editora Abril, 1987.
 PAZ, Octavio, *Os filhos do barro*, trad. Olga Savary, Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984a
 SARAMAGO, J., *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

